

## O ARMÁRIO DE MIL PORTAS: ANÁLISE COMPARATIVA DE *ARLINDO E HEARTSTOPPER*

Taynah de Lima Vidal <sup>[1]</sup>

Márcia Tavares Silva <sup>[2]</sup>

### RESUMO

A sexualidade e a heteronormatividade pré-estabelecida pelo construto social ditam comportamentos e culturas de exposição para aqueles que não se encaixam no padrão (Foucault, 1988). O armário, como um objeto simbolizado diretamente ligado à construção da sexualidade, opera simbolicamente no silenciamento e marginalização das sexualidades desviantes do padrão. Diante dessa construção de uma imagem representativa, o presente artigo tem como objetivo analisar de forma comparativa a construção, convencionalmente nomeada, como saída do armário do adolescente gay nas Histórias em Quadrinhos *Arlindo* (2021), de Luiza de Souza e *Heartstopper* (2022), de Alice Oseman. O aporte teórico sobre HQ será baseado em Ramos (2009) e Postema (2018), já sobre discurso da saída do privado para o público em Sedgwick (1990). Espera-se com essa análise evidenciar a importância da desconstrução de discursos que reforçam a validação da sexualidade a partir da saída do armário — evento que ocorre diversas vezes, reforçando o status-quo de anormalidade e despadronização do homossexual— dentro da literatura juvenil.

**Palavras-chave:** Armário; Homossexualidade; Literatura Juvenil; Hqs; Análise do discurso.

### INTRODUÇÃO

A língua é o instrumento vivo e em constante mudança utilizado em todo o mundo, seja na escrita, na oralidade, nos sons, nos gestos, nas expressões fisionômicas, entre outros. Com ela é possível obter diferentes discursos a partir da situação comunicativa e da comunidade linguística no qual o discurso está inserido (Bakhtin, 2003). Através dessa construção nós possuímos gêneros que dividem os discursos científicos e ideológicos que construímos e reproduzimos e eles estão ligados a uma origem cultural, com aspectos sociais relacionados ao espaço e ao tempo. Existem certos discursos que ultrapassam a sua comunidade linguística e se perpetuam, auxiliando na formação de estereótipos e padronizações dos indivíduos. Dentro do construto social há a presença de padrões dentro da língua, da cultura, do gênero e da sexualidade e junto a esses padrões há ainda a construção de expectativas comportamentais que determinam o agir de determinada peça social.

---

[1] Graduanda do Curso de Letras — Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande — UFCG, [taynah.lima@estudante.ufcg.edu.br](mailto:taynah.lima@estudante.ufcg.edu.br);

[2] Professora orientadora: Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba — UFPB, [marcia.tavares@professor.ufcg.edu.br](mailto:marcia.tavares@professor.ufcg.edu.br)

No que englobam as questões da sexualidade, de modo geral na literatura não é possível datar com precisão o aparecimento do primeiro personagem que apresentava uma sexualidade transviada — fora do padrão esperado — mas é possível mencionar personagens não-normativos que tiveram a sua orientação sexual e/ou identidade de gênero mostrada em cena, descrita em diálogos ou mencionada, ao longo dos anos. Entre tantos exemplos, destacamos: *Carmilla* ( *Carmilla - A vampira de Karnstein*, 1872), *Aquiles* ( *A canção de Aquiles*, 2021), *Evelyn Hugo* ( *Os sete maridos de Evelyn Hugo*, 2017) e *Jamie* ( *Fera*, 2017). Dentro deste recorte, surge, também — através de uma maior visibilidade para a comunidade LGBTQIAPN+ — personagens como *Arlindo* ( *Arlindo: A gente não tá só*, 2021) e *Nick Nelson* ( *Heartstopper*, 2017). Ambos personagens vivem, no interior de suas respectivas obras, o processo de reconhecimento e identificação de suas identidades sexuais transviadas. Diante disso, uma reflexão pode ser feita, considerando a construção do momento de sair do privado para o público de Nick e Arlindo.

Com o aporte teórico de Ramos (2010) e Postema (2018) iremos analisar a cena da saída do armário nas HQs Arlindo e Heartstopper do ponto de vista da estrutura e construção dentro do hipergênero das histórias em quadrinhos, uma vez que os romances aqui trabalhados não são compostos apenas por textos, mas também por um conjunto de vinhetas, ilustrações, cenas, requadros e cores que mostram uma leitura multissemiótica do mundo real. Segundo Ramos (2010) “Os recursos dos quadrinhos nada mais são do que respostas próprias a elementos constituintes da narrativa”. Portanto, nas seções a seguir analisaremos o discurso da saída do armário nestas duas obras contemporâneas e os acarretamentos da recepção para o leitor do discurso do *coming out*. O objetivo desta análise será a reflexão sobre a construção da cena da saída do armário de dois adolescentes para suas respectivas figuras paternas e o construto repetitivo que reforça um resumo da vida do homossexual à sua saída do armário.

A proposta desta pesquisa se justifica nas reflexões e ampliação de discussões sobre gênero e sexualidade, visibilizando a comunidade LGBTQIAPN+. Destarte, acreditamos que este trabalho seja significativo para além ampliar as discussões sobre gênero e sexualidade, trazer luz na formação e compreensão de sujeitos e corpos transviados nos espaços sociais.

Portanto considerando o nosso objetivo esta pesquisa divide-se em quatro seções sendo elas: a presente **introdução**, o **referencial teórico**, os nossos dados com os **resultados e discussão** e as **considerações** .

## METODOLOGIA

Para fundamentar esta pesquisa e para cumprir seu principal objetivo, este trabalho se encontra aportado em Ramos (2009) e Barbieri (2017) no que toca a linguagem quadrinística. Já no tocante a sexualidade e seus construtos tomaremos Butler (2019) e Sedgwick (2003). Tais leituras apresentam-se como a fundamentação da presente pesquisa que se caracteriza como documental-bibliográfica (Mascarenhas, 2012) e que foi desenvolvida a partir do estudo de duas histórias em quadrinhos, se encaixando também na abordagem interpretativista (Lakatos, 2003) com a interpretação dos dados coletados dos *corpus* desta pesquisa: *Arlindo: a gente não tá só* (2021) e *Heartstopper: De mãos dadas* (2022).

## REFERENCIAL TEÓRICO

As histórias em quadrinhos são um hipergênero (Ramos, 2007) que se caracterizam por agregar diferentes outros gêneros multimodais e semióticos — como por exemplo as charges e as tirinhas. Dentro deste hipergênero é possível identificar diferentes tramas — há as histórias de heróis, de terror, romance, autobiográfica entre tantas outras. No caso desta pesquisa o foco são as histórias em quadrinhos com a presença de personagens LGBTQIAPN+, sendo eles o Arlindo Júnior — que se identifica como *gay* — e o Nick Nelson — que se identifica como *bissexual* — e como ambos expuseram suas identidades sexuais para suas figuras paternas.

No que diz respeito a linguagem quadrinística, Barbieri (2017) afirma que as imagens presente nas histórias em quadrinhos podem ser originadas, historicamente, das ilustrações que acompanhavam os textos literários. Mas, no que diz respeito às relações que estabelecem entre texto-imagem, são divergentes, uma vez que a imagem dos quadrinhos está para a ação enquanto as ilustrações e gravuras de textos literários estão apenas para a representação estática. Ramos (2009) evidencia o leque de possibilidades através das escolhas visuais, que vão do tipo de balão utilizado até a seleção de cores e posicionamento dos requadros.

Considerando o *corpus* da presente pesquisa, será observado e evidenciado como estes elementos compõem junto as falas, a construção de uma cena e como cada escolha visual harmoniza com o que está sendo lido verbalmente.

No que toca à temática presente, é preciso compreender os desvios sexuais dentro desta literatura voltada para o jovem leitor. A heterossexualidade é o padrão social que determina através do discurso, aquilo que se qualifica como “normal” e como “anormal”. Segundo Salles e Ceccarelli (2010):

A partir do século XII a ideia de "natureza humana" passa a ser identificada à vontade divina, tornando-se um paradigma de reflexão moral: tudo que é natural é bom e apraza a Deus. Surge, assim, a ideia de "coito natural" que deu origem ao discurso que separa as práticas sexuais em "normais", identificadas à procriação, e "anormais", que diziam respeito às práticas infecundas. A ideia é que existiria uma sexualidade normal, conforme as inclinações naturais das coisas, cujo desvio, a depravação (pravus), é definido como "contra a natureza". Toda vez que a sexualidade desvia da finalidade primeira que a referência animal nos mostra – união de dois órgãos sexuais diferentes para a preservação da espécie –, estamos diante de um pecado contra naturam: pedofilia, necrofilia, masturbação, heterossexualidade separada da procriação, homossexualismo, sodomia. ( Salles e Ceccarelli, 2010. p.18)

Nesse caso, as sexualidades desviantes precisam ser escancaradas para serem validadas e o simbolismo popularmente conhecido para tal feito é o armário — *come out*<sup>[3]</sup> (Sedgwick, 2003). O discurso desta padronização perpetua-se inclusive na literatura, no qual é possível perceber diferentes discursos em diversos gêneros sobre a heterossexualidade, mas principalmente estereótipos constituídos sobre as sexualidades desviantes. Foucault (1988) trará a formação do padrão sexual a partir da era vitoriana com a redução da atividade sexual, a procriação e implicações a história dos corpos:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (Foucault, 1988, p.9-10)

Sobre a sexualidade, Butler (2019) conceitua a performatividade de gênero, considerando as três identidades primas — a identidade **biológica**, a identidade de **gênero** e a identidade **sexual** — divergentes entre si e constituinte de um mesmo ser inserido em um espaço social. A autora americana critica uma conceituação de gênero performativo — definido a partir da identidade biológica e determinada através de atos de fala que consideram

[3]Termo utilizado para se referir ao debute e apresentação à sociedade como elegível para o casamento. Já skeletons in the closet se refere a esconder algo vergonhoso no armário. Assim surgiu a metáfora da apresentação do indivíduo gay, coming out to the closet. Saindo do privado para o público.

a genitália um marcador das outras identidades, reafirmando a partir de dispositivos — como o modo de vestir, de portar, brinquedos, profissões, gostos — com uma performatividade diária do que seria ser homem e ser mulher a partir do que aponta a normatividade heterossexual instaurada. Como explica a americana: “Se o poder do discurso para produzir aquilo que ele nomeia está relacionado com a questão da performatividade, logo a performatividade é um domínio no qual o poder atua como discurso”. (Butler, 2019. p.372).

A heterossexualidade, como já foi constatado, é o padrão e a norma no que se refere à sexualidade. Com a presença de sexualidades desviantes do padrão, tornou-se parte do processo o ato de assumir-se desviante através do dispositivo do armário. Sedgwick (2003) vai dizer a respeito do armário que:

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (Sedgwick, 2003. p.22)

A saída do armário gay é um processo único, muitas vezes envolto de incertezas, medos e estresses. Na teoria, o processo de sair do privado para o público deveria reacender a liberdade de expressão mas muitas vezes se torna um processo doloroso para o homossexual e repetitivo, uma vez que não há remota possibilidade de assumir-se uma única vez. Em cada novo ambiente e em cada novo ciclo de convivência, o indivíduo homossexual precisa novamente optar por ficar ou não dentro do armário de acordo com a situação, gerando um estresse que pressupõe a vida do homossexual resumindo-se a isso.

O ganho de causa acontece porque todo um desejo gay já tem sido cimentado no inconsciente coletivo, de forma que práticas discursivas, atitudes e comportamentos são esperados e incentivados em função da manutenção da subcultura gay nas atuais conjunturas política e cultural. (Silva, 2012. p.86)

A consideração de Silva (2012) vem para reafirmar o padrão pré-estabelecido cultural e politicamente do homem gay na sociedade ocidental, padrão esse estereotipado nas expectativas da saída do armário. Há uma idealização — errônea e fantasiosa — de homem gay como um indivíduo canonicamente afeminado, comparado a uma mulher em feições e gostos. Dentro do aspecto da homossexualidade existe toda a individualidade do ser que é muito mais que a própria sexualidade e que vive muito além das portas do armário. É necessário entender o dispositivo do armário de mil portas, como o discurso que o carrega — discurso esse repetitivo e opressor — e limita o indivíduo ao momento da saída do privado para o público.

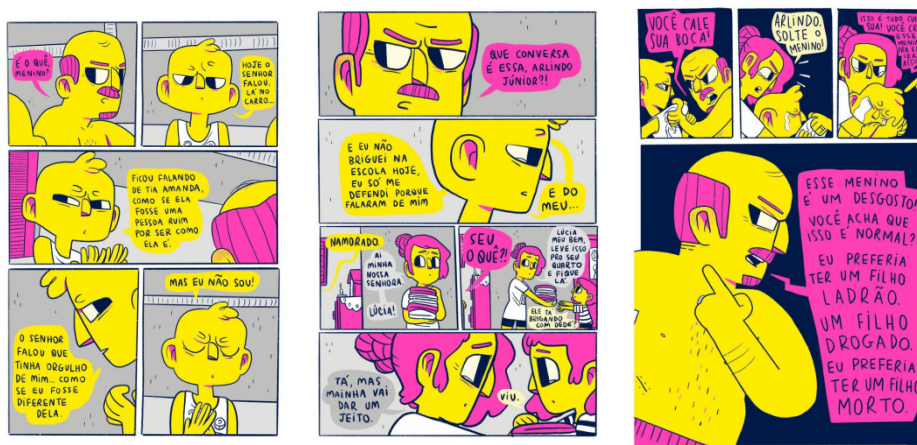
Dentro da literatura juvenil há, comumente, a presença de personagens homossexuais e em suas narrativas principais há um conflito central que se resume a assumir-se gay publicamente. No caso desta pesquisa, será observada a cena de assumir-se homossexual — mas é necessário salientar que as HQs trabalhadas aqui não se limitam a esta discussão específica, sendo este um recorte das obras como um todo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas HQs de Oseman e Souza - por mais distintas que sejam as narrativas gráficas — existe a presença de uma cena em comum : a saída do armário. *Nick Nelson* e *Arlindo Júnior* são personagens LGBTQIAPN+ — de forma específica Nick é bissexual e Arlindo gay — dentro de duas narrativas completamente diferentes com focos narrativos diferentes. A cena analisada foca na recepção para a figura paterna dos dois personagens de suas identidades sexuais.

Em *Arlindo* (2021), a figura paterna do protagonista é um homem violento, homofóbico, machista e extremamente intransigente — tentando a todo custo cobrar uma postura mais máscula de Arlindo. A cena inicia após um diálogo do personagem protagonista com seu pai, que parabeniza Arlindo por entrar em uma briga — segundo ele, fazendo coisas de 'macho' — o que não é a verdade. Arlindo entrou em uma briga para se defender de comentários homofóbicos, porém seu pai estava preso em uma nuvem de orgulho diante da reação de Arlindo. Após um momento reflexivo, Arlindo decide contar ao seu pai que é gay.

Figura 01 — Diálogo entre Arlindo e seu pai



(Arlindo-Illustralu,2021)

As cores e as expressões faciais ajudam a construir o ambiente tenso da conversa entre Arlindo e seu pai. Além disso, o continente dos balões fica pontudo, o que sugere, assim



como o tamanho da fonte, o tom de voz e a seriedade do tom de fala. O cenho franzido e as sobrancelhas cerradas trazem a imagem raivosa do pai de Arlindo de forma mais detalhada.

A cena se desenrola com os turnos de fala sinalizando as forças contrárias vindo de ambas as partes. Arlindo e seu pai entram em uma cena marcada por linhas cinéticas contrárias, fortalecendo a ideia de embate. Em um ato final o pai de Arlindo o expulsa de casa. Contra as expectativas — de um posicionamento passivo do marido ao longo de toda a narrativa — a mãe de Arlindo deixa o marido violento para trás e tenta um novo recomeço junto dos filhos.

Figura 02 — Arlindo é expulso de casa pelo pai



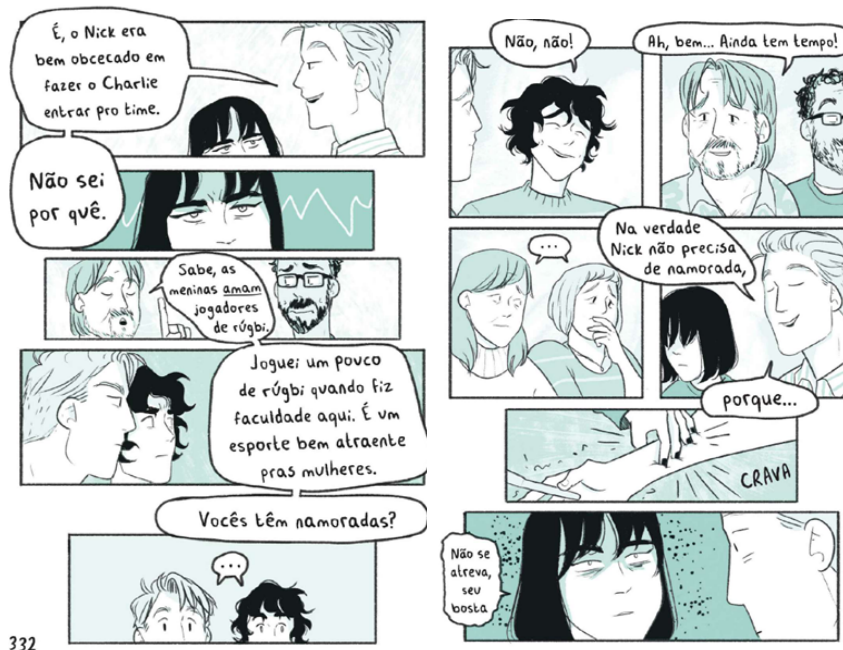
(Arlindo - Ilustralu, 2021)

Já no caso de Nick a figura parental é ausente e distante. Filho de pais separados, seu pai mal o visita uma vez ao ano e desde a sua primeira saída do armário - quase um ano antes como bissexual - ele finalmente tem a oportunidade de contar ao pai sobre seu namoro com Charlie. A situação não se mostra das melhores, pois seu namorado - Charlie - está em tratamento para anorexia nervosa diagnosticada recentemente. O jantar entre Nelsons e Springs acontece na casa de Nick e é a primeira vez que o leitor tem contato com o pai dele.

Nesse jantar há a presença de todos os familiares primários de Nick e Charlie - seus pais e irmãos - e apenas o pai de Nick não sabe sobre o relacionamento deles, que já tem pouco mais de um ano. A proposta do jantar era apresentar Charlie como um amigo e só após o jantar, quando todos se distraíssem, Nick contaria ao pai. Ele não sabia exatamente o que esperar do pai e o discurso heteronormativo sobre namoradas e esporte deixavam todos desconfortáveis por saberem que ambos estão em um relacionamento. É possível perceber o sentimento compartilhado de acordo com o que há silêncios e trocas de olhares. A troca do

tom de azul dos quadros de Tori — irmã de Charlie — mostra um sentimento além do geral já identificado: raiva. As manchas pretas ao seu redor e os olhos semicerrados apresenta a tensão entre ela e o irmão de Nick.

Figura 04 — Exemplo de desconforto nas expressões faciais



(Heartstopper - Alice Oseman, 2022)

Nick, em um assalto de turno, se assume, de uma forma completamente contrária ao que ele pretendia fazer, em decorrência do seu irmão que ficava ameaçando contar primeiro. As expressões faciais e os balões sugerem uma indiferença por parte do pai. Ele não reage à confissão do filho, mas sim à chantagem infantil do filho mais velho sobre retirar Nick do armário. Nick desabafa sobre o processo estressante de planejamento de se assumir para um pai que nunca estava lá. O seu pai por sua vez, apesar da indiferença, mostra em seu discurso uma marca de não ter aceitado por completo quem seu filho é. Os pontos brancos no requadro de Nick ouvindo que seu pai ficou feliz de conhecer seu amigo representa as expectativas criadas por Nick sobre a aprovação de seu pai. A contraposição dos requadros focados nos olhos mostram suavidade — demonstrando que apesar das quebras de expectativas de ambos — eles estavam dispostos ao diálogo.

Figura 05 — Despedida de Nick e Stéphane





(Heartstopper - Alice Oseman, 2022)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observado duas cenas distintas com a mesma temática, mas com conclusões diferentes. A performatividade de gênero de Nick e de Arlindo são parte das expectativas criadas por suas figuras paternas. Enquanto Arlindo possui uma performance de gênero um pouco mais suave e compatível com o que é marcado para um sujeito feminino — seus gostos musicais, sua linguagem corporal, seu tom de voz — Nick encaixa-se no esperado de um sujeito masculino — seu porte físico, seu gosto pelos esportes, sua popularidade com o sexo oposto. A falta de ‘masculinidade’ — da forma enxergada por seu pai — transforma o pai de Arlindo em um sujeito ansioso para ‘consertar’ a performance de gênero e sexual de seu filho para aquilo que ele considera normal para um homem, enquanto a performatividade ‘normal’ de Nick, traz Stephane uma expectativa de heteronormatividade sobre seu filho. é necessário identificar como a performatividade de gênero está ligado em um senso comum ao biológico. Portanto o gênero é performativo e que “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (Butler, 2020, p. 69).

Após a análise apresentada, se faz necessário a reflexão da pressão e opressão imposta pelo discurso da saída do armário que continua tangenciando de forma redundante a vida do homossexual apenas a um momento repetitivo em sua vida. A partir desta análise pode-se

afirmar que a recepção do leitor que se reconhece nos personagens supracitados pode e deve ser feita muito além da sexualidade mas também sua personalidade e vivências.

É possível perceber que a produção de discursos que insistem na inferiorização do indivíduo gay a sua sexualidade apenas limita o leitor e obra a reprodução de uma validação a partir do dispositivo opressor do armário. É preciso desfazer a repetição e preferência de escrever apenas sobre autodescoberta e o assumir-se gay como único ponto significativo nas vidas desses personagens. Tal ponto fica evidente a partir das considerações de Sedgwick (2003) e Silva (2012), que reafirmam a presença do indivíduo gay na sociedade além da epistemologia do armário e da saída da privacidade como sujeito homoerótico.

Portanto costurando as análises das narrativas, há uma representação concisa de figuras paternas que limitam, podam e esperam de seus filhos o padrão e a heteronormatividade, fazendo-se presente a necessidade de sair do privado para o público, em uma tentativa de escapar de estereótipos e expectativas outras. Porém é perceptível como a linguagem quadrinística traduz neste recorte, as múltiplas vozes presentes nas cenas, dando abertura para a recepção do texto que analisa como os discursos na vida e na arte se misturam.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DA SILVA OLIVEIRA, R; SIMÕES, M. Do sodomita ao homoafetivo: estereótipos gays na literatura. Interdisciplinar— **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 30, 2018.

ESCOBAR, C. Discurso científico e discurso ideológico. In: **Revista Tempo Brasileiro**, n. 3, vol. 2, pp. 7–31. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1971.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988;

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984

\_\_\_\_\_. **Os corpos dóceis: vigiar e punir, nascimento da prisão**. 29ª ed. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

HALL, S. **Estudos culturais e seu legado histórico da diáspora**: identidades e mediações culturais. SOVIK, L. (org.). Trad. Adelaine La Guardiã Resende; et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília/Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OSEMAN, A. **Heartstopper Volume 2**: Minha pessoa favorita. Trad. Guilherme Miranda. 1º ed. São Paulo: Seguinte, 2020

\_\_\_\_\_. **Heartstopper Volume 4**: De mãos dadas. Trad. Guilherme Miranda. 1º ed. São Paulo: Seguinte, 2022

POSTEMA, B. **Estrutura narrativa dos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. Traduzido por Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAMOS, P. **Histórias em quadrinhos**: gênero ou hipergênero? Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 3, n. 38, p. 355— 367, set.— dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, P; FIGUEIRA, D. “Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo”. In: **Anais das II Jornada de Estudos sobre Romance Gráfico**. Brasília: Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, 2011.

SEDGWICK, E.K. **Epistemologia do armário**. Trad. Ana R. Luís; Fernando Matos Oliveira. Coimbra/Portugal: Angelus Novus, 2003.

SILVA, A. P. D. **A história da literatura brasileira e a literatura gay**: aspectos estéticos e políticos. Leitura (UFAL), v. 1, p. 83— 108, 2012.

SOUZA, L. **Arlindo**: A gente não tá só. 1º ed. São Paulo, 2021

UNES, Wolney. A estética da recepção – Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 30, n.4, p. 753 — 766, 2003.

WITTIG, M. El pensamiento heterosexual. In: WITTIG, M. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona/España: Egales, 2006.